



D. MANUEL VIEIRA DE MATTOS
Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
 informação graphica

Redacção, administração e typographia
 83, R. dos Martyres da Republica, 91
 BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

| | |
|---|--------|
| Portugal e colonias (1 anno) . . . | 2\$400 |
| » » (6 mezes) . . . | 1\$200 |
| » » (3 mezes) . . . | 600 |
| A cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas. | |
| Estrangeiro (1 anno) | 3\$000 |
| » (6 mezes) | 1\$500 |
| Numero avulso | 60 |

Rol da desobriga

Na administração dos *ECHOS DO MINHO -- BRAGA*, está á venda papel para o rol da desobriga.

Acaba de ser posto á venda o

Manual de Adoração ao SS. Sacramento

DO PADRE A. TESNIERE

Traducção do P. José A. d'Oliveira

Magnifica edição. Preço, 300 réis. Pelo correio, 330 réis.

Quem comprar 12 exemplares ou mais, tem o abatimento de 20 p. c., mandando-os procurar ao respectivo deposito, n'esta administração.

Arte e Religião

Officinas de esculptura e entalhador

47, Rua da Fabrica, 49 — PORTO

*Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas
e todos os mais artigos e aprestos religiosos
Execução de encomendas para as Provincias,
Ilhas, Ultramar e Brazil.*

PREÇOS E TODAS AS INFORMAÇÕES

Pereira d'Abreu, Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

CALLOS SÓ OS TEM QUEM OS QUER!

O **Callicida Dias** faz cahir os callos por mais antigos que sejam. E' a melhor descoberta da actualidade porque os tira pela raiz.

Preço, pelo correio, 25 centavos. Restitue-se o dinheiro a quem provar a fallibilidade.

Pedidos a *Manuel Joaquim Dias* — VERMOIM — FAMALICÃO.

Modo de ajudar á Missa segundo o rito romano. Em latim e portugês, intercalado de explicações

E DESTINADO ÀS **Catecheses da Doutrina Christã** (Por um Presbytero)

(2.ª edição). Preço 20 réis. A' venda n'esta Administração.



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 20 de março de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 90—Anno II



BRAGA — A entrada solemne do Exc.^{mo} e Rev.^{mo}
Senhor D. Manuel Vieira de Mattos, Arcebispo Primaz.
O povo acclamando o seu novo Prelado

Chronica da Semana

LXXXIX

CERRAR FILEIRAS!

... E n'aquelle scenario de pompa, sob as abobadas altas que a luz varria, a voz do Arcebispo tinha uns acentos fortes que sómente a fé imprime á voz dos eleitos do Senhor. Busto erecto, olhar erguido tambem para as alturas a que nós os fieis, não podiamos subir, elle parecia maior, e dir-se-hia que sobre a massa densa do povo a desbordar em onda já, do boqueirão gothico da frontaria para a rua, elle irrompera alli do pulpito como o homem necessario ás esperanças supplicantes, á impaciencia fremente dos soldados com sêde de lutar nos prelios santos...

Do fundo da basilica, a sua figura apenas se destacava no mexer da purpura e na mancha purissima do arminho, sobre o qual o oiro fulvo da cruz peitoral era o symbolo real da sua responsabilidade tremenda. A principio o seu extranho syllabar de transmontano irritava os nossos ouvidos, porque os periodos quebravam-se surdamente. Mas depois, como se essa irritação dos sentidos acordasse e apurasse a alma de todos, para melhor comprehensão da sua alma de pastor até aquella intonação nos parecia causada pela emoção funda que se apoderara do coração do novo Arcebispo. E lagrimas alloraram em muitos olhos...

Chamado por elle, todo o glorioso passado da mais vetusta Sé de Portugal, resurgiu do pó dos ossos aridos, e tivemos a impressão de que as almas translucidas e invisiveis dos santos, heroes e doutores que elle evocara, andavam alli revoando em torno da sua figura de apos'olo. Sim, elle chamara o passado, a tradição para dizer que tremia ao defronta-lo n'aquelle momen-

to solemnissimo em que ia iniciar de facto a missão rude de o continuar. Sim. E a força do passado appareceu em tudo o que o rodeava e n'elle mesmo, quando o seu olhar desceu sobre os fieis, os seus hombros se curvaram, para logo uns e outros se erguerem e apumarem quando, a mão estendida para a Cruz e sobre os seus rebanhos, elle fez as promessas sagradas do dever pelo sacrificio.

Não sei que silencio então, magicamente, se fez na basilica. O povo ouvia. Firmava-se a nova concordata: entre Deus e o povo!

D'ahi por deante, todas as suas palavras foram um constante appello de reconquista, gritado pelo chefe que chega á multidão que o esperava no meio das ruinas. O Arcebispo era alli a synthese d'uma tradição com o futuro, reclamando ao sol do nosso seculo o seu lugar, usurpado por «sectarios raivosos». *On est responsable de son nom en arriere comme en avant de soi*, disse um dia Mgr. de Cabrières. D. Manuel Vieira de Mattos sentiu-o como poucos. E como a tradição apostolica é, como todas as tradições, uma cadeia impalpavel mas real que subsiste e reúne os membros da familia egregia dos successores dos Discipulos de Jesus, em cujo saber e virtudes a moral e a grandeza das nações teem as melhores garantias, — elle encareceu essa tradição e esse passado, venerou-o, nos aspectos da terra onde recebeu o primeiro alimento da intelligencia, onde temperou a alma para o sacerdocio, assim como nas figuras extinctas d'aquelles que o precederam... Dentro d'esse passado estão o seminario, laboratorio de representantes dignos de Christo, e o paço archiepiscopal, ambos roubados pelo Estado laico. Dentro d'esse passado estavam as posições que o inimigo tomou ao nosso abandono, e que urge reconquistar pela pratica integral do catholicismo na vida privada como na vida publica, pelo uso, emfim, do direito que nos cabe.

E de subito, da sua bocca de bispo de hoje, sahiram estas palavras decisivas: *cerrar fileiras!* O Arcebispo tirava todas as conclusões dos principios vindo ao encontro da vontade do povo: O seu perfil energico, a que o timbre da voz se conjugava, recortava-se na sombra do pilar com um relêvo duro de medalha...

—Cerrar fileiras!... Era a palavra desejada. O povo quebrou o silencio das naves com o estrepito de applausos. E' que n'aquelle momento, o Arcebispo fallara a linguagem do futuro que ao povo é mais querida: a da victoria. E' que n'aquelle momento, como desde a mitra lhe cinge a fronte, D. Manuel Vieira de Mattos resumia não só o desejo de todos como tambem a attitude nobilissima e unica da Egreja em Portugal, d'aquelle scenario de pompa, sob as abobadas altas que a luz varria, a voz do Arcebispo tinha uns acentos fortes que sómente a fé imprime aos eleitos do Senhor para receberem a consagração do povo...

F. V.

A recepção do Senhor Arcebispo Primaz

Albo lapillo notemus diem



formosíssima princeza do Minho ataviou-se no domingo 14 de Março com as suas mais mimosas galas e delicados arrebiques. Trapejavam 'hi flammulas, pendiam colgaduras, e as bandas marciaes en-

NO
CO

chiam os ares com as notas cadenciadas do hymno bracarense.

Nas estradas que serpenteiam por toda esta feracíssima região, poema de verdura com estrophes de prata, começaram a transitar, desde



EM S. PEDRO DE MAXIMINOS—O rev.^o dr. Antão José d'Oliveira, paroco da freguezia e os snrs Condes de Carcavellos, de Azevedo, Visconde de Nespereira, drs. Alves de Moura, Gustavo Brandão, Antonio M. Pereira de Magalhães, José Maria Braga da Cruz, Fonseca de Moura, Francisco Velloso, Victor Brandão e outros membros da comissão de recepção, esperando o Senhor Arcebispo

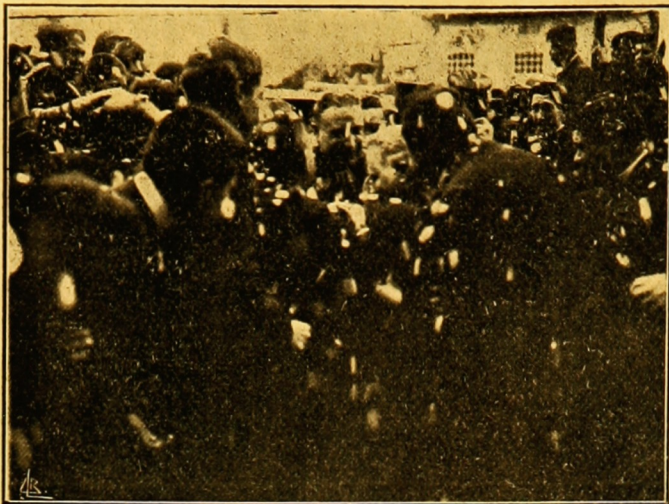


O povo junto da igreja parochial de Maximinos esperando o Senhor D. Manuel Vieira de Mattos



Outro aspecto do local onde é anciosamente aguardado o novo Prelado de Braga





O Senhor D. Manuel Vieira de Mattos em Maximinos. Os primeiros cumprimentos



Sahindo de Maximinos em direcção á cidade

manhãzinha, automoveis e carruagens diversas, transportando delegações de toda a provincia para a vetusta cidade dos Arcebispos.

Dos Arcebispos, sim, e proprio o appellativo aqui se torna, porque o grande successo que enthusiasmava a urbe e commovia a provincia e teve resonancia em todo o Portugal, era a feliz chegada do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Manuel Vieira de Mattos, Arcebispo e Senhor de Braga.

Em tempos idos, no introito dos Arcebispos, havia largo apparatus official, paradas de tropas, e o presidente do Senado Municipal offer-

tava ao novo Primaz as chaves da cidade, symbolo do poder temporal antigamente por elles exercido. Mas essas pompas, que já nada significavam senão a tradição, sobejamente as compensou o amor dos povos, o carinho inconfundivel, o entusiasmo vibrante com que toda a cidade de Braga, todo o Minho, receberam triumphante o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Manuel III.

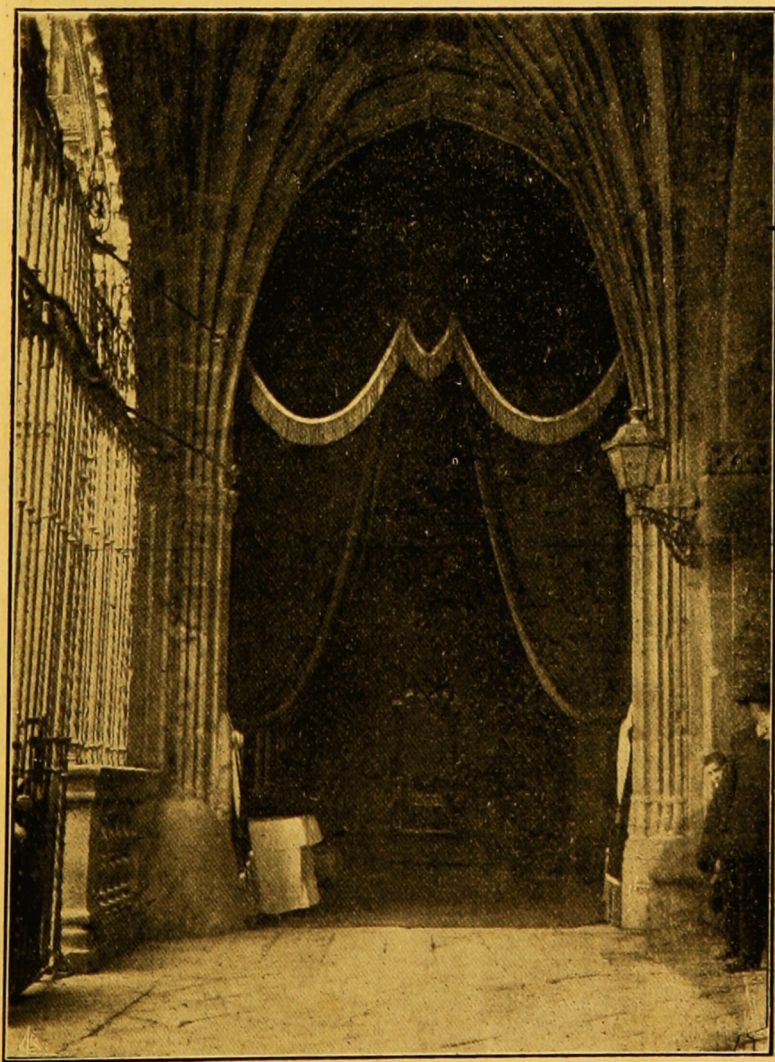
Para se fazer nm recebimento condigno de S. Ex.^{ca} Rev.^{ma}, havia formada uma commissão, presidida pelo Ex.^{mo} Governador do Bispado, D. Antonio Correia Simões, da qual foram alguns membros ao Porto para acompanhar o



O cortejo na Praça do Conde de S. Joaquim



A chegada do Senhor Arcebispo á Sé Primacial



*Capella levantada no atrio da Sé onde
S. Exc.^a Rev.^{ma} se paramentou*

insigne Antistite, indo outros, com os rev.^{os} parochos da cidade, espera-los ao caminho, como delegados de associações e da imprensa catholica d'aqui.

Mais proximo da cidade uma extensissima fila de automoveis e trens formou ao venerando Arcebispo o mais bello cortejo, porque amor o organizara.

Quando entrava na cidade foi um delirio de fremente entusiasmo. O bondoso Prelado recebia manifestações tão continuas como entusiastas, e a chuva de flôres, que deixou atapetado o solo, era de um effeito indescrriptivel. Sobretudo na Basilica, em cujo peristyllo o Rev.^{mo} Deão leu a S. Ex.^a Rev.^{ma} as Boas Vindas n'uma eloquente saudação, o entusiasmo tocou as raias da loucura nas salvas de palmas e acclamações que ininterruptamente se succediam. E, quando o grande Antistite subiu ao pulpito, apparecendo alli com a majestade do seu porte que as vestes archiepiscopaes sublimavam, o espectáculo que offereciam as naves do vastissimo templo, onde se comprimiam milhares de fieis, era deslumbrante; que entusiasmo! que vibrantes saudações! que profundo silencio e respeito, quando D. Manuel Vieira de Mattos começou a fallar!

Retirado já para a sua nova residencia, toda a tarde desfilou Braga, o Minho, e Portugal inteiro, por seus representantes, pela sala do throno do virtuoso Antistite, apresentando a S. Ex.^a Rev.^{ma} os seus filiaes respeitos e veneração.

Nos fastos da Egreja bracarense o dia 14 de março de 1915 fica marcado com pedra branca: amanhece para ella uma nova era de grandes commettimentos, de grandes reformas; o governo do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Manuel Vieira de Mattos, ha de conseguir, nós o esperamos, instaurar em Christo todas as coisas, e tornar a Sé de Braga novamente grande entre as grandes, como no tempo em que resplandecia a fama dos seus concilios.

Instaurare omnia in Christo, proclamou como seu lemma o nosso venerando Prelado na formosissima oração que na Sé lhe ouvimos; esperamos que o consiga, pois o catholicismo não é, em Braga, uma palavra vã. Do zelo e do altissimo criterio de S. Ex.^a Rev.^{ma} ha-de provir o nosso renascimento christão, repetindo no nosso seculo os ultimos seculos do edade-antiga, em que o bracarense armento primava em devoção, e em bom governo os seus vigilantes guias.

Braga, fiel e augusta recebeu com extremo carinho o seu novo Arcebispo, não só porque elle lhe fôra dado pelo Senhor como Pastor, guia e sentinella vigilante da mystica Israel, mas tambem porque já a fama do seu



Um aspecto do interior da Sé durante o "Te-Deum,"

zêlo e da sua virtude tinha conquistado os corações de todos os bracarenses, e a S. Ex.^a Rev.^{ma} antes ainda que lhe fosse dado como Pae, tinham por muitas vezes significado o seu amor. A esta sympathia se allia naturalmente a satisfação de entre nós vemos um Prelado que

de tão allissimo modo tem exercido em outras cidades o seu munus episcopal. Bispo formado segundo o coração de Deus!

E' assim que o dia 14 de março de 1915, fica marcado com pedra branca nos annaes da Santa Egreja bracarense.

R. C.

A ILLUSTRACÃO CATHOLICA, por motivo da chegada do egregio Antistite, beijando o prelaticio anel, apresenta a S. Exc.^a Rev.^{ma} os protestos do amor mais filial.



A rua da Sé antes da chegada do Senhor Arcebispo



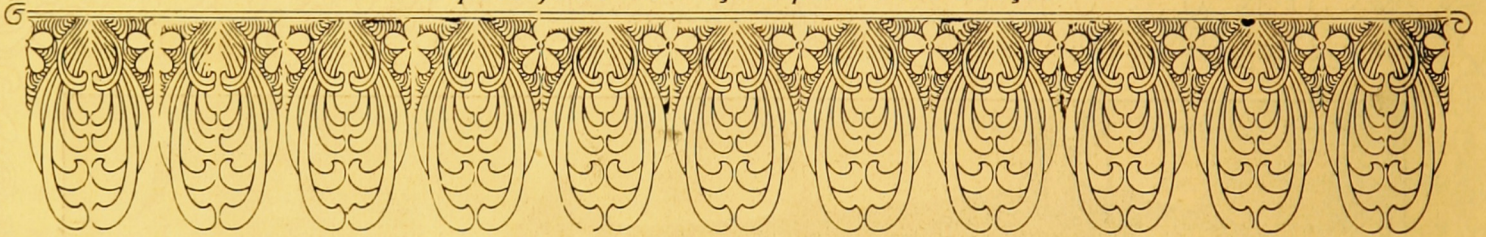
O Senhor D. Manuel sahindo da Sé no meio das aclamações do povo



O Paço Episcopal. O povo esperando a chegada do novo Prelado



O povo junto do Paço esperando a benção



BORDANDO

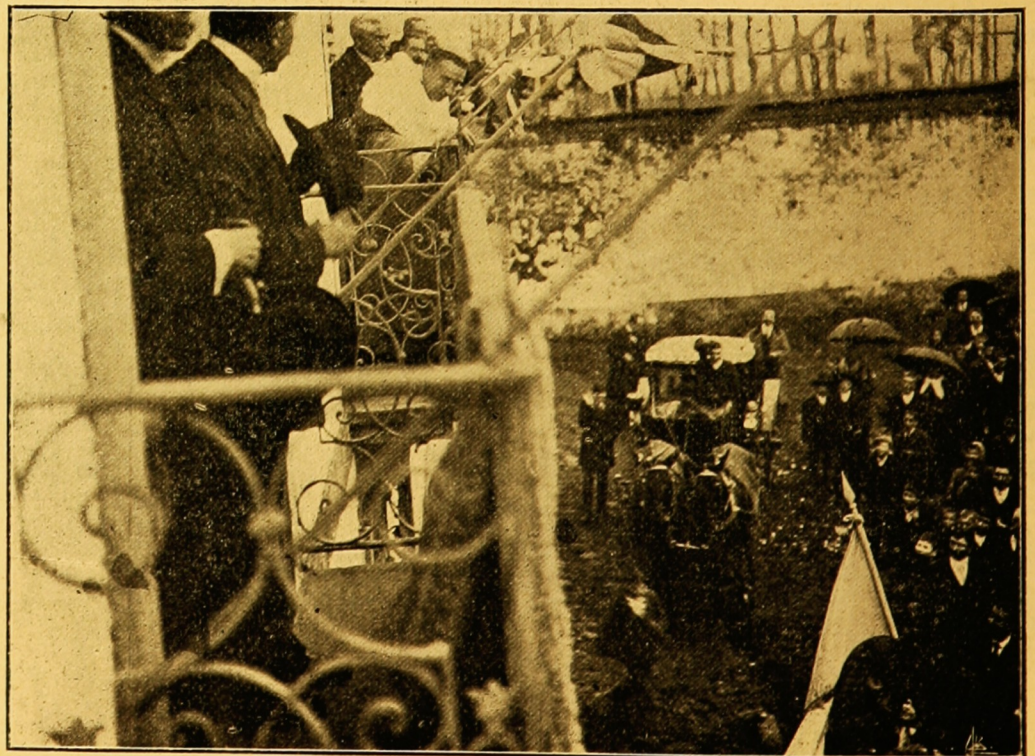


Todo o meu gosto é bordar
Quando bordo, o dia inteiro
Corre tão breve e ligeiro
Que até me chego a zangar!

Ai, quem pudera mandar
Parar o sol tão fagueiro,
Para, á luz do candieiro,
Minha vista não gastar.

Não canço... o trabalho é leve...
Nada melhor pôde haver
Para as minhas mãos de neve.

Quando bórdo, que prazer!...
O tempo corre tão breve
Que nem mesmo eu sei dizer!



*O Senhor Arcebispo, da sacada da sua residencia,
agradecendo as saudações do povo*

FRANCISCO SEQUEIRA.

PAG. 600

Ilustração Catholica

ANNO II



Juventude Catholica do Porto

(CORPOS GERENTES EM 1915)

A Europa d'amanhã

Segundo Maurras e Gustavo Le Bon

VOU hoje dar aos leitores da *Illustração Catholica* umas curtas considerações sobre o resultado da guerra. Não imaginem que se trata de hobrear com as pythônicas parisienses na devassa do proximo anno... Nada d'isto. Apenas forma o nosso intuito, levar ao conhecimento dos nossos amigos o que pensam dois homens notabilissimos sobre o aspecto e o resultado politico-internacional do conflicto europeu. Previsões são, indubitavelmente, as suas

afirmações, mas feitas, não sobre o mysterioso giro dos astros ou os vincos irregulares das mãos, antes sobre a observação dos factos historicos e das leis da psychologia politica.

Chamam-se esses dois homens Gustavo Le Bon e Carlos Maurras, o primeiro auctor da *Psychologia das multidões*, o segundo perspicassissimo coordenador da doutrina tradicionalista, no *Enquête sūr la Monarchie*, duas competencias portanto.

Le Bon, estudando a psychologia das luctas guerreiras, começa por dizer que o melhor meio de preparação para as do futuro é o desenvolvimento d'esse conjunto de sentimentos a que se chama o *espírito militar*, que elle via crescer e cultivar-se extraordinariamente na Allemanha, ao tempo em que escrevia o seu livro *Psychologie politique et défense sociale*. Por isso recommendava aos governos francezes que considerassem «como os peores inimigos da patria, como perigosos malfeitos, os escriptores e oradores que se esforçam por destruir esse espirito nas almas», alludindo claramente ás ultimas campanhas anti-militaristas de Guesde (hoje ministro), de Hervé (hoje soldado), de Caillaux e de Viviani que produziram as vergonhosas insurreições de Toul, por occasião de ser votada no parlamento a lei dos tres annos.

E Le Bon, olhando de frente o futuro avisa:

— «No dia em que o espirito militar fôr anniquillado, nada teremos a perder. A *mais destruidora* das invasões porá termo á nossa historia».

E' n'esta altura que Le Bon expõe todo o seu modo de vêr a guerra europeia, então já imminente:

«Repitamo-lo incessantemente, e tenhamos sempre presentes as sombrias previsões dos escriptores militares dos diversos paizes sobre as consequencias da proxima guerra que ameaça a Europa. Não esqueçamos que ella será uma d'estas luctas finaes, como muitas que a historia tem registado, e que conduzem á desappareição definitiva e total d'uma das nações em conflicto. Refregas formidaveis ignorando a piedade, e nas quaes regiões inteiras serão methodicamente devastadas até que não encerrem nem uma casa, nem uma arvore, nem um homem... Se a lucta se tornar inevitavel, lembremo-nos de que a victoria caberá não aos exercitos mais numerosos, mas áquelles em que se coalisarem energias mais resistentes».

Não é isto afinal e em resumo o que veem affirmando auctorisadamente os melhores criticos militares, historiadores e philosophos? O que a nossa propria observação conclue dos antecedentes do conflicto?...

Qual será a nação que ha-de desaparecer, é mysterio ainda. A nossa intelligencia, ao calcular e sopezar as probabilidades, vê a Allemanha periclitante, atacada por quasi todos os estados, e a Austria sob a ameaça de desconjuntar-se como a velha estatua. As considerações de Le Bon ácerca da coalisção de energias physicas e forças moraes resistentes como penhor de final triumpho, teem inteiro cabimento. A vida das trincheiras é a provação maxima para ellas, e os jornaes todos os dias no-la descrevem em todo o seu horror. Vida de esalfamento, de impaciencias, de audacias soffreadas, de ignorancia e isolamento, de passividade cega na execução, tal é a que os ultimos planos aos generaes e estados-maiores talharam para os descendentes dos cavalleiros audazes da meia-edade ou para os surprehendedentes heroes das fulminantes e rapidas victorias de Napoleão Bonaparte. A semelhante

prova só é possível resistir o homem com verdadeiro espirito militar, cheio de sacrificio e de disciplina, cheio de confiança cega e nitida comprehensão do dever de esperar para vencer.

Maurras encara o problema do resultado da guerra por um outro aspecto. Não o preocupam tanto a formação moral e physica do soldado, embora na obra citada a ambas dedique maravilhosas syntheses de doutrinação purissima e real.

No seu livro *Kiel et Tanger*, Maurras diz-nos qual virá a ser o desfecho do «choque

por ser parcialmente defendida pelo perigo da guerra geral que resultará de toda a tentativa de servilisação sobre uma d'ellas, ou de demasiada influencia poderosamente exercida sobre qualquer outra. O mundo apresentar-se-ha possivelmente durante muito tempo, não como uma eira plana e descoberta, abandonada á disputa de trez ou quatro dominadores nem tambem como um taboleiro de Estados pequenos e medios, mas antes como um composto de estes dois systemas: muitos imperios com um certo numero de nacionalidades pequenas ou medias, nos espaços intermedios.»

Será isto uma condição de paz? A neutralidade dos pequenos Estados intermedios será barreira sufficiente contra a expansão das ambições?

Ah! Maurras, embora dando esta situação como dominando por largo tempo, não tem essa illusão.

«Um mundo assim formado, diz elle, não será dos mais tranquilllos. Os fracos serão n'elle demasiado francos, os poderosos demasiado poderosos e a paz de uns e outros não repousará senão no terror que mutuamente se inspirarem os collossos. Sociedade de mutua intimidacão alternante, cannibalismo organizado!»

Eis a visão de *Kiel et Tanger*. Coteje-se com a de Gustavo Le Bon, que estamos vendo

realisar-se, e pense-se no futuro, pela formação militar necessaria á integridade da nação que deve ser conduzida com o maior cuidado para que não naufrague nem se perca no meio das transformações violentas porque está passando o velho mundo.

Quantum ferrum!

FRANCISCO VELLOZO.



VILLA DO CONDE — A Procissão de Passos.

Um aspecto da passagem da imponente manifestação religiosa pelas ruas da villa

dos imperios». A força preponderante na elaboração e transformação da vida internacional dos estados é a centrifuga. Ha uma tendencia pronunciada para a desintegração de pequenos estados feita á custa das grandes unidades politicas. As pequenas nacionalidades fogem cada vez mais á orbita e á influencia dos collossaes imperios. Já não soffrem a situação de satellites.

Ninguém esquece por exemplo que a violação da independencia e neutralidade da Belgica pela Allemanha foi a pedra de escandalo da conflagração actual, quer dizer, a neutralidade dos pequenos estados torna-se um principio sagrado.

Maurras dedica á demonstração d'estas tendencias internacionaes largas paginas. E é a proposito d'ellas que elle emite e desenrola a sua tela de previsões:

«O choque dos grandes imperios, diz elle, poderá multiplicar o numero d'essas potencias miudas que aspirarão a ficar e tornar-se neutraes. Cada imperio experimentará uma difficuldade crescente em manter a sua influencia e a sua protecção sobre a clientella das nacionalidades subalternas. A liberdade d'estas acabará



O andor de S. Francisco

VIDA INTENSA



Accacio não morreu. Vive, esplende, calina — o eterno riso eternamente entreaberto, — condecorado, submisso, lustroso, subserviente. Não morreu: transfigurou-se.

A alma nacional produziu o fado e creou a sua melhor e mais sentimental epopeia; a politica gerou o Accacio e realizou o seu symbolo. E' o Affonso Costa? Não. E' o Pimenta de Castro? O Bernardino cordeal? Não. O Accacio é o regimen. Tem de tudo um pouco e de todos um detalhe, — vive em todos, commanda, impõe. Apoz a revolução não morreu: democratisou-se. Despiu a sobrecasaca e simplesmente, galantemente até afivelou outra mascara. Hontem, era a asneira nacional; hoje é a asneira e ainda mais: a indolencia.



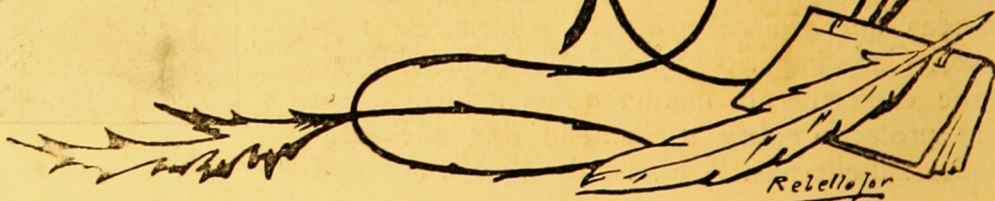
VILLA DO CONDE — Um grupo de anjos e o pallio

Quem governa? Quem manda? Quem consente? A indolencia. O paiz sabe, mas agita-se, humilha-se. Quem tem a culpa? A indolencia.

O estrangeiro olha-nos desconfiado, isola-nos e isola-se, estende sobre nossos destinos, as garras enclavinadas, cubiçosas, porque sente a nossa indolencia.

O Presidente do governo chamado em circumstancias excepcionaes de gravidade, d'incerteza, hesita, cambaleia, contemporanea... só por culpa da indolencia do paiz, que não sabe impor-lhe o verdadeiro caminho.

A nação reconhece que não pode salvar-se dentro do regimen; vê que nenhuma das facções partidarias — com lemmas diversos e fins



Releitor



VILLA DO CONDE — O andor de Nossa Senhora da Conceição e os noviços



Andor de S. Luiz, Rei de França

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

eguaes, — fachos incendiarios, cordealissimos risos, rodanescos projectos lhe offercem garantia de paz d'integridade e de socego. E aguenta, porque? Pela indolencia. O que é o paiz? Um burguez inconsciente bocejando á beira do sepulchro. O leão da fabula mordido pelas moscas damninhas da democracia, sabendo que um estremecer d'orelhas as afujenta, mas ficando manso, tranquillo esperando, esperando...

O que gera esse bocejo? O que subordina esse gesto: a indolencia, que é a craveira, o caracter, o symbolo d'esta raça que se suicida.

O Accacio envelheceu e ficou molle, passivo, suberviente.

Hontem era a asneira petulante: hoje é a indolencia cobarde.

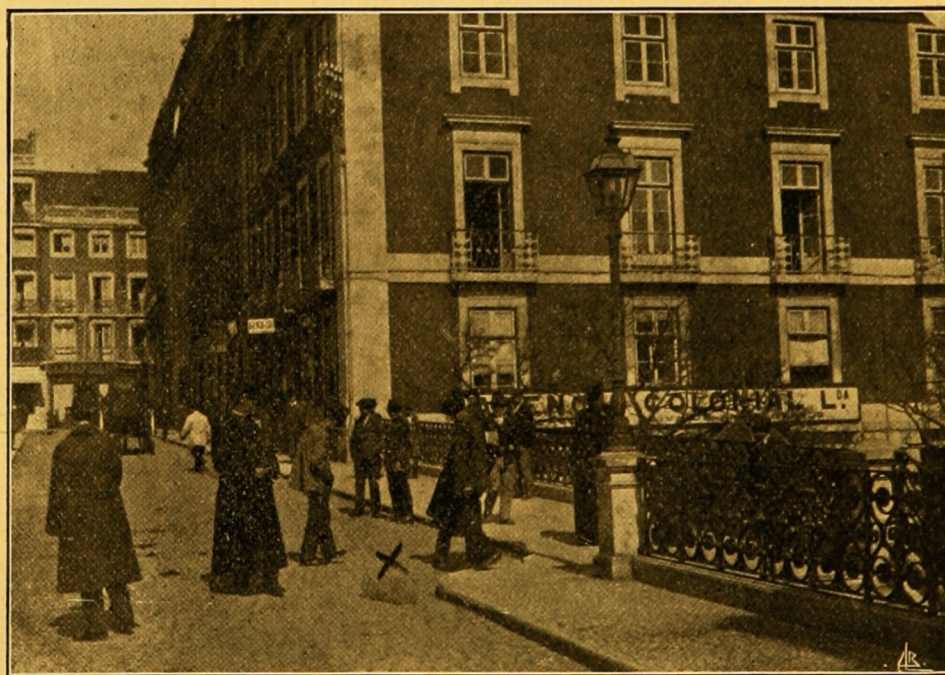
Não morreu repito — transfigurou-se.

De degrau da escadaria

ampla da ambição passou a capacho... Ou tr'ora calcou, hoje é calcado.

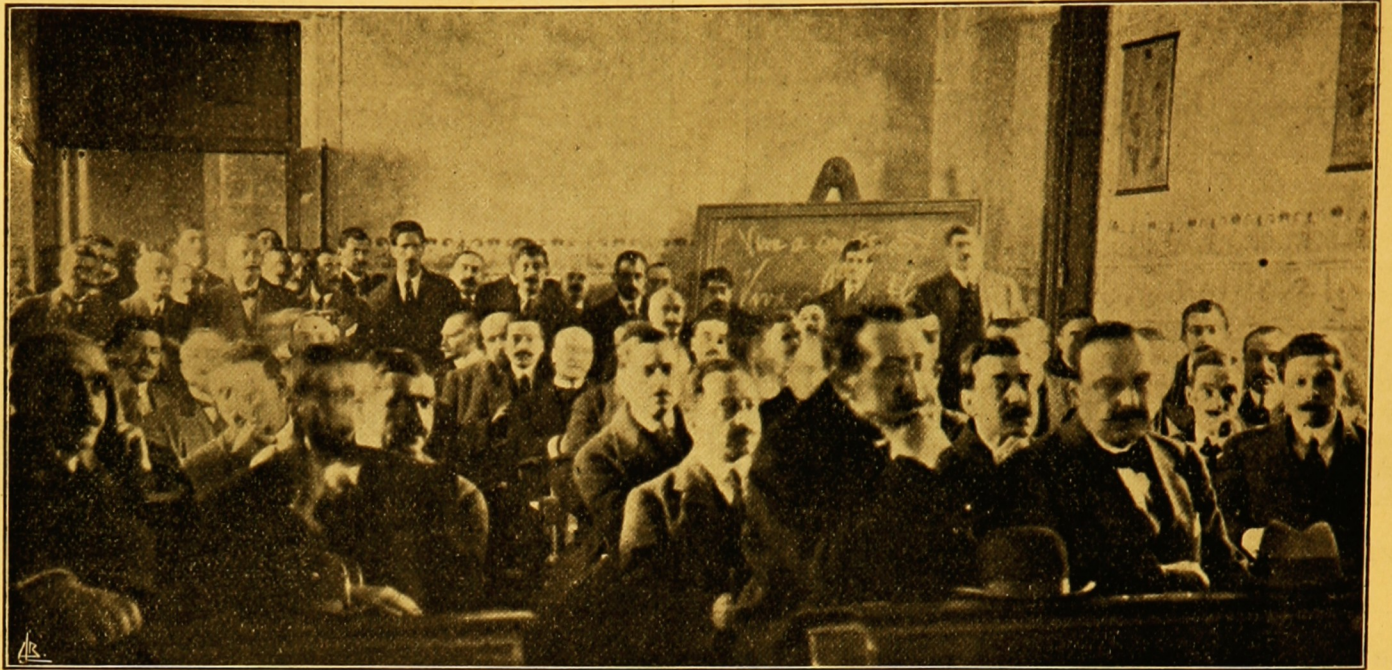
... O paiz accorderá para saber libertar-se?

Talvez! Mas despertará muito tarde como



1) LISBOA — Local X onde foi morto o deputado democratico, snr. Henrique Cardoso.

2) As forças da Guarda Republicana e policia impedindo a entrada para o Parlamento onde os deputados do Partido Democratico tencionavam reunir para protestar contra a attitude do governo do snr. general Pimenta de Castro.



LISBOA — Os deputados e senadores democraticos assistindo no Paço da Mitra, em Santo Antão do Tojal, á reunião que resolveu negar validade a todos os actos do actual governo

o velho beirão camiliano que, — encarregado da guarda dos thezouros do amo, — accordou quando os ladrões já tinham levado tudo... E então a indolencia indicar-lhe-ha ainda o caminho: o tumulo!

E' o destino irreparavel das nacionalidades que só sabem dormir... e nós continuamos a dormir.

JOSÉ DE FARIA MACHADO.



Paço da Mitra onde se reuniram os democraticos



Deputados e senadores que assistiram á reunião no Paço da Mitra

(Clichés do nosso corresp. phot. de Lisboa)

RISCOS...

OOO

MORREU hontem um rapaz sem nome. Pobre, malquisto, solitario,—era um doente.

Tinha o perverso instincto de violar o seio arfante das flôres brancas, mordendo-as, com um prazer de safiro lascivo, esmagando-as depois como um demonio de legenda batendo o pé caprino sobre o craneo de uma mulher sem macula, tal como eu o vi n'uma velha gravura hollandeza...

Ao lusco-fusco, a gente ia-lhe na pista, percorrendo de esconso as aleas dos jardins, em busca de preza, furtando-se aos cysnes dos lagos que bradariam alarmes contra o sacrilegio de arrancar á viridencia dos caules esbeltos e lançados o seio das suas namoradas...

Elle lá ia, pela sombra doce das arvores, face glabra, uns olhos pardos de nocturno...

O sol, se de chapa o surprehendia, punha-lhe um estremecimento convulso nas pupillas, e logo elle voltava o rosto macilento e o arcaboço esquinado, procurando a penumbra, como um morcêgo fonto, espavorido...

Uma nota clara, ou fosse a da frontaria caiada de uma casa ou de um vestido branco de creança, fazia-o tremelicar de repulsa, todo o corpo se lhe sacudia em torsões de vimes enroscados, mãos espalmadas, braços refêsos, horrorizado. A brancura do sol radiante subjugava-o...

Ah! mas todo o seu odio se resumia na sua preversa raiva contra as flôres brancas. E como de dia as não podia affrontar por causa da luz que reflectiam, ia assalta-las ao sol-pôr. com as cautellas de um caçador de virgens...

Os senhores conhecem umas flôres brancas, muito brancas, com pétalas feitas como halitos de uma bocca cheia de essencias raras. Ahi pela noitinha, talvez de respirarem todo o santo dia..., essas flôres tão bellas começam de cançar os labios delicados e vão semicerrando pouco a pouco a urna dos seus beijos...

Ora, elle já as surprehendera assim deitadas na folhagem, e uma tarde (nós seguiamo-lo a distancia) aproximou-se cauto, escondendo-se por det'az dos troncos, agachando-se aqui, além erguendose, narinas dilatadas para discernir bem no ar o rastro dos aromas... Ella, a flôr branca lá estava,

RO

um pouco inclinada sobre a haste, entreaberta a bocca n'um sorriso de sonho, descuidosa e ingenua como as creanças...

E rapido, a face acompanhando n'uma contracção violenta o ascuar dos olhos palpitantes, estendeu a mão em garra, decepou-a, mordetu-a depois na dentuça negra, e arrancando-a da bocca, lançou-a ao chão e pisou-a muitas vezes, a rir, a rir, um riso macabro de facinora...

—Menos uma!... Menos uma!... e gargalhava.

Ouves, creança? Aquelle rapaz sem nome morreu hontem Era como o demonio do mal desfolhando um a um os seios brancos da preza...

FRANZ.



DR. ARTHUR CARDOSO PINTO OSORIO, distincto notario que na passada quarta-feira tomou posse do seu novo logar de notario na cidade do Porto e filho do Ex.^{mo} Snr. Dr. Pinto Osorio, antigo presidente do Supremo Tribunal de Justiça, e um dos mais integros magistrados do paiz.

RO

A GUERRA EUROPEIA



Creanças abandonadas nas provincias do Norte de França durante a occupação das tropas allemãs e por ellas recolhidas



*Soldados francezes feridos, assistindo a uma representação theatral dada em sua honra
n'uma sala d'um hospital em Paris*



Uma povoação do Norte de França depois da passagem dos allemães

